

IDENTIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: É POSSÍVEL ESSE DIÁLOGO?*

Kamilla do Nascimento Gomes

alimak_carvalho@outlook.com

Dianne Cristina Souza de Sena

diannesena@hotmail.com

Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

RESUMO

O texto objetiva apresentar se professores de Educação Física cursaram disciplinas, na sua formação, com os temas: Identidade de Gênero, Sexo e Sexualidade. Assim como, identificar se há ou não resistências enfrentadas pelos professores em suas aulas, a partir das temáticas. A pesquisa foi de campo de caráter qualitativo/descritivo. O resultado foi que a maioria dos professores (64%) não cursaram e que (73%) afirmam não perceberem/sofrerem situações de resistências dentro da escola.

PALAVRAS-CHAVE

Graduação; Gênero; Educação Física; Sexualidade

INTRODUÇÃO

O tema Gênero, que refere-se à forma de se identificar e ser identificado como homem ou como mulher, vem atualmente sendo alvo de muitos debates, diálogos (como, por exemplo, sobre a sexualidade) e inquietações por parte da sociedade. A polêmica mais atual no âmbito educacional e que se expandiu para instâncias políticas e sociais, foi a retirada desse termo da terceira e última versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), documento elaborado pelo Ministério da Educação (MEC).

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Esse momento foi divulgada pelas mídias e debatido nas diversas instituições educacionais e pela sociedade civil. Na primeira e segunda versões da BNCC (2015), o termo estava presente. Bittencourt (2017) expressa esse momento

a segunda versão da BNCC, publicada em março de 2016, após um período de seis meses de debate e reelaboração, evidencia outra proposta, na qual podemos identificar uma multiplicidade de vozes que puderam argumentar a favor de seus princípios e que exigiram a consideração de conquistas que já constavam em outras regulamentações curriculares no país. É o caso da consideração da temática étnico-racial, da educação inclusiva, da questão de gênero e ainda da inserção das culturas africanas e indígenas, temática anunciada, na primeira versão, apenas como tema integrador (BITTENCOURT, 2017 p. 558-559).

Diante disso, compreende-se que por ser um tema desconhecido, mesmo sempre estando presente nos âmbitos sociais e culturais da humanidade, ele, atualmente, é polêmico e, na maioria das vezes, incompreensível. É uma situação desafiadora para gestores e professores trabalhá-lo no contexto escolar diante desse cenário conflituoso e que envolve outros aspectos, como a cultura, religião e política.

Na sociedade atual com adventos das tecnologias e às mídias digitais móveis, as pessoas têm acesso aos diversos tipos de informações, a qualquer hora em qualquer espaço do dia. Na maioria das vezes, essas notícias e mensagens recebidas, não são checadas e analisadas na sua veracidade por esse receptor, ficando as pessoas sujeitas a informações duvidosas e falsas no tocante ao tema desse estudo.

Defronte a esse cenário, os debates e reflexões são gerados e ocorrem em grupos sociais, assim como no âmbito familiar, nas instituições educacionais, pelos diversos públicos (professores, alunos, gestores, comunidades escolares e pessoas civis), constituindo e compartilhando informações e saberes sem aprofundamento científico.

No ambiente escolar, um documento que dar suporte teórico-metodológico é o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) Temas Transversais (BRASIL, 1998), que dentre as suas setes temáticas temos a temática Orientação Sexual. Estas tem como objetivo, dialogar, refletir e compreender no contexto escolar, interligando professores, equipe pedagógica, pais/responsáveis e alunos, as questões sobre o respeitar as diversidades de valores, conhecer o corpo valorizando-o e cuidando-o, entre outros saberes. Por meio deste objetivo, as instituições de ensino devem promover discussões e reflexões com intuito de estruturar ações nas escolas.

Ainda nos PCN's de Temas Transversais, o documento afirma que

[...] na Educação Física também pode acontecer de persistirem antigos estereótipos ligados ao gênero, como a separação rígida entre práticas esportivas e de lazer dirigidas a meninos e a meninas. O professor pode intervir para garantir as mesmas oportunidades de participação a ambos os sexos, ao mesmo tempo que respeita os interesses existentes entre seus alunos e alunas (BRASIL, 1998, p. 324).

Diante das questões anteriormente abordadas, corroboramos com a assertiva de Uchoga (2012, p.124), que afirma "ao considerarmos que gostos e práticas são construções sociais, possibilitar outras práticas nas aulas de EF também é modificar percepções de gênero que são atreladas às práticas corporais fora da escola".

No contexto escolar alguns professores (de todas as áreas) dialogam e outros não, sobre o nosso tema de estudo. Nesse sentido, apresentamos um possível diálogo para reflexões e organização de ações da educação física no contexto escolar, sendo importante para gerar esclarecimentos e aprofundamentos para comunidade escolar e sociedade. Darido (1999, p.20), reforça nossa afirmativa ao expor que o diálogo, reflexões e ações sobre a temática Sexualidade

propõe um relacionamento das atividades da Educação Física com os grandes problemas da sociedade brasileira, sem, no entanto, perder de vista o seu papel de integrar o cidadão na esfera da cultura corporal, através do que denominam de Temas transversais (DARIDO, 1999, p. 20).



Dessa forma, esse estudo questionou se durante a formação inicial dos professores de Educação Física, sujeitos da pesquisa, cursaram alguma disciplina específica que tratasse sobre Identidade de Gênero, Sexo e Sexualidade. Além disso, buscamos identificar se há ou não resistências enfrentadas por esses professores nas aulas quando dialogam sobre esses temas supracitados.

METODOLOGIA

O estudo foi uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo/descritivo de corte transversal. Na coleta de dados utilizamos um questionário on-line, construído pelas pesquisadoras, usando a plataforma “On-linepesquisa”, no qual continha 19 (dezenove) perguntas ao todo (variando entre perguntas abertas e fechadas) e foi disponibilizado para os sujeitos da pesquisa de forma virtual. Em que envolveu 10 (dez) escolas ao todo, 3 (três) escolas particulares e 7 (sete) públicas, onde participaram 11 (onze) professores de Educação Física atuantes no Ensino Médio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da pergunta “Na sua formação você cursou alguma disciplina que abordou os temas: identidade de gênero, sexualidade, sexo e temáticas relacionadas?” 64% (7) dos professores disseram “Não” e 36% (4) responderam “Sim”. Os professores que responderam “Sim”, foram solicitados a informar os nomes das disciplinas, e estes apresentaram: Educação Física Inclusiva (citada duas vezes); Educação Física no Ensino Médio e Didática da Educação Física.

Após as análises, ficou exposto que algumas disciplinas na universidade abordaram os temas de forma interdisciplinares. O docente 6 apresenta relato: “O tema teve várias abordagens, em várias disciplinas [...] E quase sempre nas disciplinas do departamento de educação”. Foi revelando na fala do docente 10 que: “Era um tema que sempre era debatido, mas não lembro de uma específica”. Pelas respostas dos professores as abordagens sobre as temáticas do estudo, apresentavam-se de forma indireta numa perspectiva mais interdisciplinaridade, ou seja “ocorre quando se produz uma sobreposição do trabalho entre especialidades que coincidem em um mesmo objeto de estudo”, segundo Carlos (2006, p. 45).

Ao serem questionados se “Identidade de Gênero, Sexualidade e Sexo, são abordadas pelos professores na sala de aula?” o resultado foi que 55% (6) dos professores responderam que “Sim”, 36% (4) responderam que “algumas vezes” e 9% (1) respondeu que “não”. Motivado pela pergunta anterior, questionamos: “Na escola, você percebe se há resistência por parte dos professores, gestores, funcionários e estudantes, na abordagem de alguma dessas temáticas: Identidade de Gênero, Sexualidade e Sexo?”. Pela análise, 8 professores, ou seja, 72% responderam que “não”, 2 afirmaram que “as vezes” e apenas 1 professor relatou que “sim”.

Na questão anterior, observamos que os professores que responderam “sim” e “as vezes” ao fator de haver resistência por integrantes do contexto escolar, alguns atribuem esse fato possibilidade destes não terem em sua formação inicial e continuada uma educação direcionada para as temáticas desse estudo, evidenciado assim, dificuldades no trato com os temas.

Na análise das respostas, da questão supracitada, o docente 3 e 8, respectivamente, expõem: “muitas vezes ocorre resistência por falta de conhecimento sobre o tema por parte do professor[...]” e “as pessoas sempre tem dificuldade em discutir essa temática.”. O docente 7 exalta outra problemática: “Pouco se atenta para ensinar este conteúdo na escola”. Nesse contexto, observamos que alguns não dão a atenção necessária aos temas: Identidade de Gênero, Sexualidade e Sexo.

A docente 3 alerta que “[...] outras vezes, pode haver um direcionamento inapropriado e os alunos entenderem por outros aspectos, levando para o lado pessoal”. Desse modo, compreendemos a importância do debate e diálogo sobre os temas desse estudo, contudo eles devem ser planejados e organizados, objetivando a transmissão das informações de forma adequada, evitando gerar desconforto. Os profissionais



envolvidos nessa proposta devem ter os conhecimentos, sobre as temáticas, aprofundados e apropriações teórico-metodológicas.

O docente 7 relata que uma alternativa é “[...] tratar o assunto de modo interdisciplinar por meio de projeto escolar.” Em consonância com essa percepção, evidenciamos a relevância destas temáticas. A autora Frison (2000), afirma que o desenvolvimento desses temas são importantes para os alunos, apresentando-se como um momento para tirar dúvidas e para o diálogo sobre sexualidade. Segundo Frison (2000) os professores preocupados em desenvolver os seus conteúdos em sala de aula, acabam se distanciando dos interesses e preocupações dos jovens. A autora expõe que “os jovens, envolvidos com problemas relacionados ao sexo e à sexualidade, muitas vezes, não encontram apoio nem na família, nem em seus professores” (IDEM, p.141-142). Dessa forma, o ambiente escolar apresenta-se como espaço aberto para o diálogo e aprendizagem sobre as reais situações desses jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo 73% dos 11 professores afirmam não perceberem/sofrerem situações de resistências dentro da escola em que atuam. Os 27% dos professores relatam que essas resistências é ocasionado pelo desconhecimento de como lidar com esses temas. Como consequência, existem dificuldades em abordar as temáticas: identidade de gênero, sexualidade e sexo, constatando que há insegurança em desenvolver essas temáticas do estudo.

Enfim, percebemos que é possível trabalhar o tema “Identidade de Gênero na Educação Física Escolar”, mas é necessária haver uma interação entre todos os professores, gestores, funcionários e alunos, por meio de um projeto interdisciplinar.

GENDER IDENTITY AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: IS THIS DIALOGUE POSSIBLE?

ABSTRACT

The objective of the text is to present whether Physical Education teachers studied subjects in their training with the following themes: Gender Identity, Sex and Sexuality. As well, to identify whether or not there are resistances faced by the teachers in their classes, from the thematic ones. The research was qualitative / descriptive in nature. The result was that most teachers (64%) did not attend and that (73%) said they did not perceive/suffer situations of resistance within the school.

KEYWORDS: *Graduate; Gender; Education Physical; Sexuality.*

IDENTIDAD DE GÉNERO Y EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: ¿ES POSIBLE ESTE DIÁLOGO?

RESUMEN

El texto objetiva presentar si profesores de Educación Física cursaron disciplinas, en su formación, con los temas: Identidad de Género, Sexo y Sexualidad. Así como, identificar si hay o no resistencias enfrentadas por los profesores en sus clases, a partir de las temáticas. La investigación fue de campo de carácter cualitativo / descriptivo. El resultado fue que la mayoría de los profesores (64%) no cursaron y que (73%) afirman no percibir/sufrir situaciones de resistencias dentro de la escuela.

PALABRAS CLAVES: *Graduación; Género; Educación Física; Sexualidad.*



REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, J. *A Base Nacional Comum Curricular: uma análise a partir do ciclo de políticas*. 2017. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24201_12678.pdf> Acesso em: 23 out. 2018.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Educação é a Base*. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 29 maio. 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: *apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF, 1998.
- CARLOS, J. G. *Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades*. 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2961>>. Acesso em: 7 nov. 2018.
- DARIDO, S. C. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Araras: Topázio, 1999.
- FRISON, L. M. B. *Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significados do mundo vivido*. 2000. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/handle/123456789/1798>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- UCHOGA, L. A. R. *et al. Educação física escolar e relações de gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos*. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/318874>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

